

# ECOS DE 1968: 40 ANOS DEPOIS

Lucileide Costa Cardoso\*

**Resumo:** O artigo discute algumas interpretações presentes no debate contemporâneo sobre os quarenta anos do movimento de Maio de 68, procurando problematizá-lo no contexto de luta pela apropriação de uma determinada memória social. As interpretações variam conforme a posição política assumida pelos agentes no presente: de um lado temos escritos que visa anular o legado de 68, enquadrando-o na lógica atual do mercado. Do outro, relatos que cultivam uma visão positiva daqueles anos sem a necessária contextualização. Em termos teóricos ou nas práticas sociais, as heranças de 68 continuam a gerar polêmicas e paixões.

**Palavras-Chave:** Maio 68, 40 anos, memória, história.

**Abstract:** The article discusses some interpretations present in the contemporary debate about the forty years of May 68 movement, seeking to analyze it in the context of struggle for ownership of a particular social memory. Interpretations vary according to the political position taken by agents at the present moment: on the one hand, we have the writings that seek to undo the legacy of 68, drawing it up in the current logic of the market. On the other hand, there are reports that cultivate a positive view of those years without the necessary background. In theoretical terms or in social practices, the legacy of 68 continues to generate controversy and passions.

**Keywords:** May 68, 40 years, Memory, History.

---

\* Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP/SP) e Professora Adjunta de História Contemporânea da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - Centro de Artes, Humanidades e Letras. E-mail: lucileidecardoso@terra.com.br.

No livro recente do jornalista Zuenir Ventura – *1968: O que fizemos de nós* – o autor defende que nenhum outro ano na história do século XX foi tão lembrado, discutido e utilizado como referência, seja por questão de afinidade ou por negação dos novos valores e utopias sonhadas por aquela geração. Diz ele: “Ao se comportar como se fosse um ser animado suspeita-se que 1968 não foi um ano, mas um personagem – inesquecível e que teima em não sair de cena”<sup>1</sup>.

Tal definição cultiva o legado de 68 de forma mitológica englobando uma bela narrativa baseada na vida de determinados personagens, através do jogo da festa, do deboche, do pitoresco, do engraçado e do inédito. Bem intencionado, em busca de uma identidade perdida no tempo, Ventura indaga-se sobre o presente – o que fizemos de nós? – mas seu olhar sobre o passado não é contextualizado. Não é o seu propósito discutir os processos históricos no final da década de 1950 e início dos anos de 1960 que transformaram 1968 no ano síntese de contradições e mudanças radicais na história mundial. A consequência desse tipo de relato é que ao preservar uma memória social que dispõe de diversos mecanismos de manipulação e esquecimentos acaba por ter uma compreensão da ditadura militar brasileira e daqueles anos de rebeldia juvenil nuançadas pelo descompromisso ou pelo gosto simplesmente da aventura, da ousadia e irreverência tão apropriadas para uma análise centrada apenas em uma cultura da jovialidade que teve início naquele momento. Também no seu primeiro livro – *1968: O Ano que não Terminou* (1988) verifica-se que, em termos de preservação da memória, o autor sustenta uma idéia bastante forte de que a militância dos anos de 1960, especialmente em 1968, não passou de uma aventura estudantil adolescente, mesmo porque prevalece ainda em alguns setores sociais a imagem dos jovens como românticos, ingênuos e impetuosos<sup>2</sup>.

O “espírito 68” eternizado em inúmeras lembranças que, por se caracterizarem por serem mais afetivas do que analíticas, estão sujeitas às armadilhas da memória. As histórias de vida servem para balizar as experiências, embora o pano de fundo da narrativa seja a lembrança de acontecimentos passados; o presente lhes imprime uma marca singular de acordo com as correlações de forças no poder e a localização desses sujeitos em novos grupos sociais. A existência de surtos memorialísticos em quatro décadas de celebrações, críticas e autocríticas contribuem por trazer à tona uma batalha de memórias que deve ser rastreada aqui pelo menos em suas linhas gerais<sup>3</sup>. As memórias celebrativas de 68 e, por vezes, mistificadoras, exercem um importante papel de combate com outros escritos que agem por contraste, descaracterizando o potencial revolucionário daqueles jovens e colocando-se como leituras de direita. Os quarenta anos de Maio de 68 sobrevivem a visões apologéticas e ao processo revisionista que condena 68 como o responsável distante pelos desregramentos do mundo atual<sup>4</sup>.

Exemplo recente foi a declaração infeliz do Presidente da França, Nicolas Sarkozy, afirmando que, com sua eleição, havia chegado a hora de enterrar definitivamente a herança de 1968:

Maio de 1968 impôs a nós todos um relativismo intelectual e moral. Os herdeiros de maio de 68 fizeram prevalecer a idéia de que não havia mais diferenças entre o bem e o mal, a verdade e a feiúra. A herança de maio de 1968 introduziu o cinismo na sociedade e na política.

Tais argumentos conservadores em plena campanha eleitoral de 2007 imputam ao movimento a culpa pelos males atuais do capitalismo financeiro: a especulação, as práticas imorais nos negócios e o culto ao dinheiro. Este padrão de busca desenfreada de lucros em curto prazo inaugurado por um capitalismo sem escrúpulos seria consequência de 68 ao deixar o legado do individualismo e da impessoalidade. Ainda, segundo o Presidente francês, alguns dos seus intelectuais e líderes são hoje na França liberais, homens oficiais da República (Daniel Cohn Bendit, Serge July e Bernard Kouchner)<sup>5</sup>. No pensamento de Sarkozy, Maio de 68 passa a ser reinventado como mito fundador da trajetória da conversão entusiasta de ex-esquerdistas aos valores de mercado. Disfarçado de revolução cultural ou espiritual, o Maio perde sua força política relegando ao esquecimento a luta dos trabalhadores, e apaga-se a memória que, em 1968, ocorreu a greve mais importante do movimento operário francês.

No caso do Brasil, o jornalista Elio Gaspari, conhecedor da história da ditadura militar brasileira, publicou um artigo no jornal *Folha de São Paulo* em 23 de março de 2008, intitulado “Em 2008, remunera-se o terrorista de 1968”, ironizando o pagamento de indenizações recebido por familiares de militantes atingidos pelos órgãos de repressão da polícia política da ditadura. O jornalista coloca numa mesma perspectiva as revoluções de 1848, 1917 e 1968 como se todas elas tivessem sido derrotadas em 1989: “1989 que permitiu aos revolucionários de 1968 a acomodação de suas idéias e biografias ao século 21”<sup>6</sup>.

Deste modo, Gaspari delega aos intelectuais e demais herdeiros de 68 a reintegração à ordem estabelecida como se ela fosse inevitável. Não é possível concordar com esta linha de reflexão, mesmo considerando marcos importantes os anos de 1989, queda do Muro de Berlim e 1991, dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) no desmonte da Guerra Fria. Não podemos deixar de frisar que a dimensão universal, a repercussão e o extraordinário significado dos eventos que agitaram o ano de 1968 já são suficientes para colocá-lo no patamar único em toda a história do século XX. Aqueles jovens profetizaram a falência dos regimes do Leste na esperança de construção de um socialismo democrático, apenas não previram a vitória de um dos lados com o fim da Guerra Fria.

Entre memórias em disputas, 1968 sobrevive no debate político atual a partir de três tendências interpretativas. A primeira, identificamos nos dois livros de Zuenir Ventura – *O Ano que não Terminou* (1988) e *O que Fizemos de Nós?* (2008) –, uma idéia de continuidade mistificadora do real social próprio daquela época. O ano de 68 assume o lugar dos sujeitos históricos reais e contraditórios pautados por diferenças e alteridades e acaba por assumir o estatuto de um ente querido, abstrato e onipresente:

Pode-se amar ou odiar aquele ano, embora esta não seja a melhor forma de entender os acontecimentos. O que não pode é expulsá-lo da história por idiosincrasia, mesmo porque ele se recusa a sair à força. Não se deve encarar 68 como uma construção idealizada onde se colocam sonhos que só foram realizados no plano dos nossos desejos. Mas também não adianta negar-lhe importância e desconhecer a sua teimosa disposição em permanecer.<sup>7</sup>

Na segunda, presente nas declarações de Sarkozy, 1968 foi enterrado do ponto de vista político com a vitória do capitalismo no mundo e muito bem cooptado pela indústria de consumo em seu viés cultural e comportamental. E, por último, mais rebuscada porque se pretende analítica e histórica, permanece uma tendência liberal que anula a dimensão revolucionária daquele ano ao colocar no mesmo “saco de gatos” revoluções tão distantes no tempo destacando o seu fracasso tanto na construção do socialismo como na crítica ao capitalismo. Ao eleger 1989 como mais importante do que 1968, o artigo de Gaspari corrobora para a sedimentação de uma memória social tornando-a presa fácil de uma visão de mundo em que sonhar com mudanças e transformações não está mais na ordem do dia.

As três vertentes em menor ou maior grau contribuem para preservar uma releitura de 68 a partir de um mundo marcado pelo conformismo dada a hegemonia do mercado personalizado, mas sem rosto. Tecer críticas e autocríticas àquela geração de 68 não significa anular o papel que tiveram na construção, mesmo que no nível do imaginário e da utopia, de que “um outro mundo era possível”. A geração 68 foi realizadora de rupturas culturais e políticas com o mundo capitalista, bem como questionadora das experiências do chamado socialismo real vivenciada nos anos de 1960 por pelo menos um terço da população do planeta.

O certo é que o Movimento de 1968 provoca o debate político e cultural no sentido da concepção em torno das múltiplas significações – ano de rupturas/ mudou o mundo; ano que não terminou/ idéia de continuidade ou apenas ano síntese dos conflitos advindos no início dos anos de 1960 no contexto de Guerra Fria. As “febres comemorativas” em torno dos seus quarenta anos não devem ofuscar o exercício crítico da história. Mesmo considerando o estatuto de lugar de memória presente nos vários 68, ainda está ausente do debate atual o sentido de processo e contextualização

daqueles anos. Portanto, na contracorrente destas interpretações acredito que o maior aprendizado talvez consista em nos orientarmos por uma reflexão crítica capaz de compor discernimentos necessários para novas lutas políticas e possibilidades de engajamento. Sobrevivem heranças no plano cultural e no plano político: a luta pelas minorias; ampliação da cidadania e lutas pela sobrevivência ambiental do planeta.

Do ponto de vista historiográfico existem hesitações na definição de Maio 68: levante?, Revolução? Revolta?

Contudo, talvez se possa dizer “que 1968 foi uma improvisação, uma simulação da revolução, imitação sincera da Revolução”<sup>9</sup>.

Ou ainda, como nos ensina Marx, nada mais belo do que uma Revolução no seu começo, quando tão de perto se assemelha a um enamoramento. Ou, ao se referir a Comuna de Paris de 1871: “Foi um assalto ao céu”<sup>10</sup>. Na verdade, para muitos outros estudiosos em Maio de 68 não existia:

Nem partido, nem vanguarda, nem líderes que anunciassem um projeto político em sentido oficial que direcionavam os acontecimentos. O maio de 1968 convidava a poetizar a existência, revolucionando o cotidiano, realizando arte nas ruas e o urbanismo lúdico para si mesmo e para nós, uma crítica da sociedade fundada na difusão e colonização de nossa mente pela publicidade e pelo consumo.<sup>11</sup>

Ao introduzir o lúdico na política, 1968 deu cidadania política aos sentimentos e à emoção. Ao profetizar o “fim das ideologias”, de esquerda ou de direita, criticando todas as formas de autoritarismo e totalitarismo acabou por indicar novas formas de resistências.

No Brasil, as comemorações sobre o Maio 68 só tiveram início após vinte anos do acontecido. Em 1978, prevaleceu o silêncio revelado pelo jornal *O Estado de São Paulo* que timidamente publicou uma reportagem “Primavera do Nada”. Esperamos vinte anos para que o tema fosse destacado na mídia, ainda que sem a devida contextualização. Na comemoração dos trinta anos destaca-se a iniciativa da Editora Perseu Abramo na organização de uma coletânea – *1968: Rebeldes e Contestadores: Brasil, França e Alemanha* (1998) –, fruto de um seminário que reuniu estudiosos importantes do Brasil e mundo. Também foi realizado em Curitiba um mês de comemorações – “Desejos de Transformações: 30 Anos de Maio de 68” – patrocinado pela Secretaria de Cultura do Estado. Agora, aos quarenta anos do acontecido identificamos um debate mais intenso além de um rol de publicações. A polêmica também foi estabelecida entre os especialistas que preservam uma consciência valorativa daquele ano como revolucionário, mas aceitando críticas, autocríticas e imperfeições e outros interlocutores que apostam no seu esquecimento, desejando de forma ardente diluir suas lutas e utopias. O tema da violência política, tão emblemática naquela década, pouco ou nada foi discutido. Prevalece o silêncio, a violência política não cabe, não está na ordem do dia.

Houve vários 68. Devemos perceber a simultaneidade dos movimentos que aconteceram no âmbito do capitalismo central, na periferia do capitalismo e no Leste europeu. O feminismo, a liberação sexual trouxeram modificações na estrutura familiar; sentimos a flexibilização da hierarquia – adulto/criança, aluno/professor etc. Introduziu-se um novo modo de se fazer política, não apenas a partir das macro-relações Estado e Sociedade, capital versus trabalho, mas agora também no cotidiano. Questões ecológicas e a cultura da jovialidade foram instituídas, fortalecendo um imaginário da fraternidade capaz de produzir uma nova idéia de revolução, de transformação real da sociedade.

No entanto, é necessário nuançar que mudanças ocorreram ao longo das décadas de 1950 e 1960: a Guerra da Argélia, os Panteras Negras, as Guerrilhas, os movimentos pacifistas etc. Tais acontecimentos demonstraram a insatisfação generalizada com o ambiente da Guerra Fria, a questão é que, em 1968, o desejo de mudança chega ao alcance das mãos, marcado pelo *inconformismo*. Hoje vivemos a época do conformismo – não se acredita em mudanças/época da banalização dos símbolos. Por exemplo, o Che Guevara.

Após quarenta anos os ecos dos vários 68 transformaram a história contemporânea mundial. Não é possível esquecer que lutaram contra a sociedade de consumo que emergia, recusaram o

automóvel como sinônimo de modernidade, denunciaram o trabalho industrial e o burocrático como embrutecedores. Questionaram os meios de comunicação de massa e a publicidade como adestradores de desejos, bem como o mundo científico e utilitário. Recusaram a pobreza espiritual de uma sociedade regida apenas por condicionantes econômicos. Lutaram contra as burocracias totalitárias do Leste Europeu e contra a “sociedade de espetáculo” do mundo ocidental. Criticaram todas as formas de alienação, não só a material como também a estética e a moral. Trazendo uma nova declaração dos direitos do homem, o maio de 1968 ampliou o espaço público provocando uma politização do cotidiano<sup>12</sup>.

Na França, sob o lema da “Imaginação no Poder”, estudantes e operários lutavam contra o governo de Charles de Gaulle. Nos EUA, a luta contra a Guerra do Vietnã e a discriminação racial resultou em perseguições e na morte do líder Martin Luther King. Desordenados e assumindo diferentes contornos de acordo com cada país, os jovens de 68 provocaram profundas rupturas através da música, da dança, das roupas e de outras referências visuais. Hoje, o “espírito 68”, eternizado no slogan “A Imaginação no Poder”, pode ser substituído por outro, o “Feitichismo do Poder”.

A bem dizer, esta “fábrica de sonhos” produzida pela geração 68 não sobreviveu às novas formas de dominações das décadas seguintes. A nova sociedade de massas instaura a cultura do entretenimento e canaliza a rebeldia estudantil. Muitos jovens, talvez a maioria, deixaram-se embalar pelos sonhos e imagens de uma outra liberdade, tão bem apreendidos e representados nos anos de 1970, num anúncio de TV que exibiu um grupo alegre de rapazes e moças apinhados num trem, percorrendo campos verdes e ensolarados ao som do jingle: “Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada”. No fim do anúncio, à medida que a imagem desaparecia na tela, ia apagando-se, lentamente, a voz que repetia ao fundo: “UStop, seu jeito de viver, UStop...”. Detalhe curioso: o anúncio divulgava o lançamento de um tipo de *blue-jeans* que, novo, já tinha aspecto de roupa surrada. Ou seja, simulava uma história, fingia ter sido arrastado ao longo de aventuras que seus proprietários, na verdade, jamais experimentaram.

Deste modo a publicidade e a propaganda incorporam os novos estilos de comportamento juvenil, especialmente a moda. Por trás daquela peça de publicidade tão inocente e agradável movia-se o imaginário característico de uma época em que milhares de jovens de “classe média”, indiferentes aos dramas da nossa vida política, empenhavam todas as suas energias na tarefa de criar para si mesmos um “estilo” pessoal, um “jeito de viver”, que lhes permitisse expressar seus sentimentos e suas intimidades, libertando, dessa maneira, suas singulares individualidades.

Em 1986, outro anúncio bem humorado publicado no jornal francês *Le Monde* – “Maio de 68, refez-se o mundo. Em Maio de 86, reforma-se a cozinha” – por uma companhia que vende cozinhas modernas aos consumidores franceses, captura um momento de transição da cultura engajada ao consumismo<sup>13</sup>. É bem verdade que se pode questionar se Maio de 68 refez o mundo (como sugere o anúncio), mas não se pode duvidar de que esta era a intenção de milhares de jovens (alguns nem tão jovens assim) que se reuniram naquela ocasião nas ruas de Paris e em outras capitais do mundo. Por outro lado, pode-se também duvidar de que a mentalidade consumista, individualista e fundamentalmente conservadora sugerida pelo anúncio, represente acuradamente o estado de espírito das novas gerações.

Não poderíamos deixar de analisar, ainda que de forma sucinta, o impacto dos vários 68 na América Latina e no Brasil. O Maio na América Latina, na verdade, começa em 1967, na Bolívia, com o assassinato do líder revolucionário Che Guevara. A morte trágica do Che inspira várias tentativas de vinganças na América Latina e provoca novas ondas contestatórias ao mesmo tempo em que o imaginário da revolta e da revolução sofre um grande abalo. Guevara sobrevive apesar de todas as tentativas de banalização ou cristalização de sua memória como um dos principais mitos políticos do século XX. De fato, mais do que a Revolução, Guevara pensava na humanidade, foi a expressão máxima do romantismo revolucionário próprio de sua época.

No Brasil, Carlos Marighella foi um dos primeiros a adotar os ideais revolucionários cubanos ao participar do Congresso realizado em 1967 da OLAS (Organização Latino-Americana de

Solidariedade), momento em que se torna evidente o distanciamento dos cubanos da linha de Moscou. A América Latina deveria se transformar em “um, dois, três Vietnãs”. Ao participar desta conferência, Marighella volta transformado para o Brasil. Rompe com o PCB e escreve “Algumas Questões Sobre a Guerrilha no Brasil”. Escrito dez dias após a morte de Che, dedicado à sua memória, esse texto muda a história do Brasil no sentido de colocar a Revolução na ordem da ação imediata. Os dois personagens, Guevara e Marighella, guardadas as devidas proporções, influenciaram uma geração e até hoje suas ações e teorias revolucionárias são discutidas e tidas como referencial importante no pensamento das esquerdas latino-americanas.

Para além dos projetos revolucionários inspirados nos movimentos de guerrilha urbana e rural, o ano de 1968 no Brasil contou com músicas de protesto, movimentos de contracultura, greves operárias, passeatas e encontros estudantis, adquirindo um posicionamento de oposição aos ideais políticos e culturais tradicionais e autoritários. Estudantes e trabalhadores atuaram juntos no processo de ruptura com a ordem estabelecida questionando não apenas o poder ditatorial instituído, mas valores e costumes. O movimento estudantil foi extremamente combativo na luta contra a ditadura e na defesa da universidade pública. O assassinato do estudante secundarista Edson Luís (18 anos) em 28 de março de 1968 no Restaurante universitário da UFRJ, apelidado pelos estudantes de Calabouço, pela polícia carioca, demonstrou a brutalidade da repressão política que se iniciava. Sessenta mil pessoas acompanharam o enterro de Edson Luís, iniciando ondas de protestos estudantis que se espalham por todo o país.

Houve também um esforço através das greves de Osasco (São Paulo) e Contagem (Minas Gerais) de reavivar a mobilização operária, mas imediatamente abateu sobre elas a repressão e suas lideranças foram sufocadas. 1968 no Brasil e no mundo não se explica apenas pela revolta estudantil, mas compreende também a adesão de diferentes categorias de trabalhadores que juntos atuaram no processo de tentativa de ruptura com a ordem estabelecida.

No Brasil, o ano terminou de forma trágica com a instauração do AI-5 em 13 de dezembro de 1968, significando o início da violência institucionalizada pelo Estado de Segurança Nacional. Não é à toa que para muitos de nós, a ditadura militar brasileira representou um momento traumático em que ocorreu a “desnaturação da coisa política”, eliminando a possibilidade de diálogo e convivência com as diferenças.

Hoje vivemos uma relativa liberdade política graças à luta e coragem de agentes sociais organizados. O aprendizado da história é justamente este: sem organização, sem reflexão crítica que leva ao discernimento não caminharemos no sentido da transformação. Ao recuperar as múltiplas interpretações de Maio de 68 buscamos situar o debate historiográfico como resultado de disputas ideológicas próprias de um tempo em que a instância do político e a simbiose com a história dos movimentos sociais deixaram de ser prioridade. Não podemos perder de vista os ensinamentos dos vários 68 no campo da política, da cultura e da utopia enquanto poderosos instrumentos capazes de transformar comportamentos e mentalidades. Os caminhos podem ser diversos, contraditórios e também passíveis de críticas, mas sempre na tentativa de construir uma sociedade melhor no quadro atual de extrema violência e exclusão social.

Notas

<sup>1</sup> VENTURA, Zuenir. **1968 – O que fizemos de nós**. São Paulo: Ed. Planeta. 2008, p. 12.

<sup>2</sup> Daniel A. Reis Filho defende esta visão ao analisar o primeiro romance histórico de Zuenir Ventura, **1968 – O Ano que não terminou**, em *Um passado imprevisível: a construção da memória da esquerda nos anos 60*, In: **Versões e Ficções: O Sequestro da História**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1997.

<sup>3</sup> Para maiores aprofundamentos sobre a historiografia e as representações memorialísticas da ditadura militar indico alguns artigos de minha autoria: CARDOSO, Lucileide C.; Cardoso, C. Costa; AXT, Gunter. *A Autonomia Federativa durante o Regime Militar*. In: AXT, Gunter; D’ALESSIO, Márcia Mansor; JANOTTI, Maria de Lourdes M. (Orgs.). **Espaços da negociação e do Confronto na Política**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007, com inclusão de artigo *Memória e Historiografia. Interpretações sobre o Golpe e o Regime de 1964*, p. 105-168; CARDOSO, Lucileide C. *Narrativas Autobiográficas: Memórias da ditadura Militar*. In: GODINHO, Luiz Flávio R.; SANTOS, Fábio Josué S. (Orgs.). **Recôncavo da Bahia: educação, cultura e sociedade**. Amargosa: Ed. CIAN, 2007, p. 117-123; CARDOSO, Lucileide C. *História, Memória e Oralidade*. In: **Jornal Reverso - Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo da UFRB**, n. 9, Cachoeira - Bahia, maio/junho de 2008, p. 2.

<sup>4</sup> VENTURA, *op. cit.*, p. 95.

<sup>5</sup> Segundo Zuenir Ventura, o inventário negativo de 68 não teve início apenas com Sarkozy na França ou nos Estados Unidos. Ele se refere a Bernard Kouchner, um dos principais expoentes de 68 e ministro das Relações Exteriores do governo Sarkozy que apoiou a invasão do Iraque. Diz ele: “ficamos sem saber se Kouchner, socialista, criador da ONG Médicos sem Fronteiras, estava levando ao poder o ‘espírito de maio de 68’ vivo ou já enterrado” (VENTURA, *op. cit.*, p. 95). Para ele, foi a própria esquerda e não a direita que iniciou esse processo de desforra com a acusação de pedofilia contra o seu mais emblemático ícone, Daniel C. Bedit. A denúncia foi feita em 2001 e causou um rumoroso escândalo na França e na Alemanha. “Só não se sabe por que levaram quase 25 anos para produzirem esse efeito”, ironiza o jornalista. (VENTURA, *op. cit.*, p. 96).

<sup>6</sup> **Folha de São Paulo**, 23 de março de 2008.

<sup>7</sup> VENTURA, *op. cit.*, p. 106.

<sup>8</sup> No livro de **Pensamento 68: ensaio sobre o anti-humanismo contemporâneo**, Luc Ferry e Alain Renaut sintetizam o modelo interpretativo sobre o movimento de Maio 68 organizado por P. Benéton e J. Touchard em 1970 *Les interprétations de la crise de mai-juin 1968*, In: **Révue Française de Science Politique**, julho de 1970). Os autores mostram oito leituras possíveis do acontecimento: 1) *Maio 68 como complô*: é a tese da tentativa de subversão – De Gaulle e G. Pompidou; 2 – *Maio 68 como crise da Universidade* – crítica à rigidez da antiga Universidade e sua resistência burocrática às mudanças; 3 – *Maio como acesso de febre ou como revolta da juventude* – a revolta é percebida como a irrupção do jogo ou da festa no cotidiano. Também lida de forma crítica, a revolta tornou-se um psicodrama ou paródia mais ou menos ridícula de uma revolução; 4 – *Maio como crise da civilização* – questionamento da sociedade de consumo e implantação de uma nova ordem; 5 – *Maio como conflito de classes de um novo tipo* – interpretação desenvolvida especialmente por Alain Touraine –, isto é, 1968 como nova forma de luta de classes – não mais econômica, mas social, cultural e política. O sociólogo deposita no setor de classe média a esperança de revolução, principalmente ao enfatizar o papel dos profissionais nas sociedades industriais desenvolvidas, diferenciando-os dos tecnocratas; 6 – *Maio como conflito social de tipo tradicional* – intérpretes: comunistas ortodoxos – enfatizam mais o movimento dos trabalhadores na França. Não tomaram o poder porque a crise econômica não era suficiente para gerar um momento revolucionário; 7 - *Maio como crise política* – dez anos de De Gaulle – impopularidade crescente – enfatizam os problemas relativos a política institucional; 8 – *Maio como encadeamento de circunstâncias* – Maio ocorre em decorrência da invasão na Universidade de Nanterre, forte mobilização estudantil em torno de crítica aos projetos de reforma universitária do Ministro Peyrefitte, ausência do primeiro-ministro da França uma vez que o Presidente da República estava fora em visita oficial à Romênia. Ou seja, Maio acontece a partir de uma multiplicidade de causas ocasionais.

Ainda neste livro encontramos a interpretação de Eric Hobsbawm sobre o Maio de 68. Para ele, foi uma Revolução semelhante às revoluções de 1848 que, embora fracassadas, criaram novas formas de fazer política e de pensar a cultura enquanto lugar do conflito social. No caso do Maio francês houve uma incapacidade do PCF (Partido Comunista Francês) em alcançar o poder. Além de ter como foco de análise o movimento dos trabalhadores; coloca-se atento à intensa produção historiográfica existente, destacando que já em 1968, 52 livros foram publicados na França, bem como uma série de artigos.

<sup>9</sup> MATTOS, Olgária de. *Tardes de Maio*, In: **1968 - Rebeldes e Contestadores: Brasil, França e Alemanha**. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 1998, p. 185.

<sup>10</sup> Apud MATTOS, *op. cit.*, p. 181.

<sup>11</sup> *Idem*, p. 186.

<sup>12</sup> MATTOS, *op. cit.*

<sup>13</sup> Para maiores informações, consultar VIOTTI, Emília, A Dialética Invertida: 1960-1990. **Revista Brasileira de História**, n. 27, 1994, pp. 9-26.

**Referências bibliográficas**

GARCIA, Marcos Aurélio e VIEIRA, Maria Alice. (Orgs.). **Rebeldes e Contestadores. 1968: Brasil, França e Alemanha**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

GASPARI, Elio. **As Ilusões Armadas: A ditadura Envergonhada, A Ditadura Escancarada, A Ditadura Derrotada, A Ditadura Encurralada**. Coleção As Ilusões Armadas. São Paulo: Cia. das Letras, 2002 a 2004, 4 volumes.

FERRY, Luc & RENAUT, Alain. **Pensamento 68: ensaio sobre o anti-humanismo contemporâneo**. São Paulo: Ensaio, 1988.

PERRONE, Fernando. **Praga – São Paulo – Paris. Relato de Guerras**. São Paulo: Busca Vida, 1988.

REIS FILHO, Daniel Aarão & MORAIS, Pedro de. **1968, A Paixão de uma Utopia**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

\_\_\_\_\_. 1968: o curto ano de todos os desejos. *In: Tempo Social*, 10(2), 1998, pp. 25-35.

VALLE, Maria Ribeiro do. **1968: O diálogo é a violência. Movimento Estudantil e ditadura militar no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

VENTURA, Zuenir. **1968: O Ano que não Terminou (A Aventura de uma Geração)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

\_\_\_\_\_. **1968 – O que fizemos de nós**. São Paulo: Ed. Planeta. 2008.

ZAPPA, Regina e Sato, Ernesto. **1968: Eles só queriam mudar o mundo**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar. 2008.